

# Walter Benjamin e as memórias de si em Infância em Berlim por volta de 1900

*Bruno Flávio Lontra Fagundes\**

## **Resumo**

O presente artigo analisa *Infância em Berlim por volta de 1900*, de Walter Benjamin, explorando as metáforas textuais usadas pelo autor para figurar a si mesmo as mudanças e os desafios políticos do tempo que escreveu este texto. Por fragmentos de seu texto revistos à luz da articulação entre as situações vividas e a escrita delas feitas pelo autor. Este artigo especula sobre a relação que Benjamin estabelece entre três processos simultâneos: a construção de uma memória de si mesmo através da reconstituição de sua infância berlinense, a elaboração de uma teoria lacunar da história como lembranças e reminiscências e um registro biográfico dos desafios vividos dentro da luta política.

**Palavras-chave:** escrita de si, memória, poesia, luta política e época histórica

## Introdução

Nascido em Berlim em 1892, judeu e pensador marxista, Walter Benjamin vive e escreve em meio às perseguições políticas que, desde a ascensão nazista de Hitler ao poder na Alemanha em 1933, tanto contribuem para marcar a face da moderna história ocidental. Num país em crise econômica e moral desde a derrota na Primeira Grande Guerra, o anti-semitismo é norma de lei, agora em que o nacional-socialismo do *fuhrer*, maniqueísta, escolhe os judeus como os supostos responsáveis pela situação do povo alemão.

Erguida como coluna-mestra ideológica que agrada a grandes e pequeno-burgueses, e ainda ao proletariado sensível à pregação anticapitalista contra os “endinheirados” (BOBBIO, 1991) o anti-semitismo desenvolvido pelo partido *nazi* de Hitler promove, entre 1933 e 1945, uma série de ações contra os judeus ao que, até hoje, autores não hesitam caracterizar como loucura genocida encabeçada por um homem insano e demente. Mesmo que um fenômeno pequeno-burguês, associado aos nacionalismos e imperialismos europeus seus contemporâneos, o anti-semitismo alemão sugere, no entanto, a análise mesma de um movimento que se atribui à demência e à insanidade de um homem, tendo em vista a amplitude e a marca terrível de seus atos e feitos. As perseguições a democratas e comunistas, e, principalmente, a judeus comunistas se acentuam, e é em torno delas, como pensador marxista e judeu, que Benjamin descreve sua infância numa Berlim que Hitler irá reformar a partir de 1933, para nela assentar os marcos ostentatórios do poder político nacional-socialista. São colunas de mármore fincadas de águias onipotentes, ornadas de emblemas e bandeiras nazistas, que farão de Berlim o centro industrial militar do III Reich consagrado ao armamento (MARABINI, 1989:9). O Infância em Berlim por volta de 1900 é um texto escrito numa Berlim que se modifica para o mal, e que não é aquela da infância de Benjamin.

O princípio nazista da superioridade racial ariana é o elemento imutável da natureza que justifica, pouco a pouco, o extermínio

progressivo dos judeus numa escala vertiginosa de ações. O governo *nazi* começa por proibir o casamento entre alemães e judeus, expulsa-os do funcionalismo público, dos bancos e das bolsas, proíbe-os serem profissionais liberais, suas lojas são marcadas com bandeiras judaicas, não podem frequentar hotéis e restaurantes, seus apartamentos são confiscados, e o cinema e o teatro são apenas em determinadas horas marcadas. Não podem os judeus, ainda, comerciar com ouro e pedras preciosas, sua música está proibida, mesmo em ambientes privados particulares, e nas sinagogas. Conduzidos a trabalhos forçados a fábricas que se tornarão campos de morte que cobrirão toda a Europa, os judeus têm suas sinagogas incendiadas, lojas e hospitais destruídos, cemitérios profanados, e por todo lado se vêem inscrições como “os judeus são nossa desgraça” e as crianças judias com mais de seis anos devem envergar na lapela a estrela amarela que os identifica a uma chaga, a um inimigo que deve ser, se não eliminado, repudiado. Nesse contexto, sair da Alemanha era uma alternativa de vida e de morte, mas apenas com 5% de seus pertences, e todos os judeus que ficavam sabiam que o fim próximo e iminente era o internamento em campos de trabalhos forçados.

É desta vida de lampejos, de fugas iminentes de uma perseguição que vai se tornando implacável aos judeus, de uma memória e de um continente fragmentado e amedrontado pela expansão nazista onde parece fecundar a concepção de Benjamin sobre a história como um jogo de lembranças que envolvem solidão individual e ação coletiva, e que encontra em *Infância em Berlim por volta de 1900* o manifesto, ao mesmo tempo histórico e literário, de uma reminiscência de uma Berlim que se esvai e cujo aniquilamento talvez pudesse estar salvaguardado, de certo modo, num texto de conotação poética e lírica evidente. Em *Sobre o conceito de história*, texto de 1940 escrito na França, Benjamin critica o nazifascismo pela noção de “progresso histórico” tomado como norma, ao se apropriar do passado para fazer vislumbrar o futuro em marcha. Benjamin valoriza o relampejar das lembranças, o apropriar-se de

reminiscências fugidias, recusando a noção do passado como um tempo sem o qual o presente não pode ser explicado.

Em meio à luta política antifascista, ele adverte os materialistas históricos de que *as coisas brutas e materiais*, objeto da luta de classes, não podem prescindir das *coisas espirituais* da classe operária, coisas que naquela luta se manifestam *sob a forma da confiança, da coragem, do humor, da astúcia, da firmeza e que agem de longe, do fundo dos tempos*. As lembranças estão nas coisas espirituais, lembranças-imagens que *relampejam no momento de um perigo*. Seguindo o argumento de Benjamin, as lembranças explodem, na cena da vida, o progresso da história - o *continuum* - demonstrando as dessemelhanças que fazem do passado um tempo repleto de tempos conjugados: a idéia de um progresso da humanidade na história é inseparável da idéia de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo. A crítica da idéia do progresso tem como pressuposto a crítica da idéia desta marcha, já que a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agoras (BENJAMIN, 1985, p. 229).

Desde a segunda metade do século XIX que os hebreus - matriz étnico-histórica do povo que, após a criação do estado de Israel, será identificado com os judeus - se espalharam pela Europa, e a Áustria e a Alemanha, especialmente, são países onde exercem suas atividades econômicas e financeiras, além da atividade intelectual a qual Walter Benjamin depois irá se filiar. Com as perseguições nazistas a partir de 1933, Benjamin enfrenta as dificuldades para prosseguir seu trabalho intelectual, exilando-se na França, onde, depois de ocupada pelos nazistas, é internado num campo de concentração. Daí tenta obter autorização das autoridades franquistas para seguir até a Espanha e, de lá, talvez, seguir para a América. Não consegue, e é ameaçado de ser entregue ao governo de Hitler. Pressionado, Benjamin se suicida numa obscura pensão francesa na fronteira com a Espanha, em 1940. Consta que em 1932 já teria tentado se matar. "Só sobre um morto ninguém tem poder", teria dito ele, numa espécie de inscrição funerária última possível

para assinalar que, de algum modo, o controle de sua vida lhe pertencia.

A proximidade da morte, um tema recorrente e central da *Infância Berlinense*, poderia ter acarretado como que uma torção decisiva na visão que Benjamin deseja transmitir da sua própria vida: como se tivesse descoberto que a sua vida estritamente singular, justamente a vida deste 'eu' particular que, numa carta da época a Scholem, ele comparou a uma seqüência de derrotas, que esta vida então só adquiriria sentido no pano de fundo de uma 'experiência histórica' mais ampla, característica de uma infância cidadina e burguesa que ia ter de renunciar, em breve, aos seus privilégios (GAGNEBIM, 1994:87).

A *Infância em Berlim por volta de 1900* é uma "pequena obra-prima" (GAGNEBIN, 1994:83). Já em seu título contém uma proposição que atravessará todo o trabalho equivalente ao projeto de Walter Benjamin quanto à vida da lembrança e à reflexão sobre a história: a de uma precisão com margem mais ou menos grande para o inexato e o impreciso. Nesta pequena obra-prima, a infância não é propriamente desdatada: ela se passa num tempo reconstruído em que fixar datas rigorosas seria o correlato da imobilização da ação política quando esta é presa de acontecimentos da história que, na análise, seriam como determinantes em última instância. É assim que a *Infância é por volta de e não em 1900*; infância reconstituída por um Benjamin adulto e imersa num tempo vaporoso que não fixa datas enquanto estabelece uma *época*, postulando uma reflexão sobre a política e a história em que a consciência de si do sujeito é menos plena.

Na reflexão política que Benjamin faz em uma época de homens perseguidos e dizimados, a criança institui - e é investida de - um papel germinal: libera a vida mental das peias de uma razão soberana para um *locus* de reflexão que contém inconsciência, irrupção incontrolada, esquecimentos e lembranças organizadores, perguntas - de criança - irrespondíveis e realidades irredutíveis à

linguagem. Entre a linguagem e sua apropriação e enunciação há uma distância que estabelece a condição de finitude, firmando tudo aquilo de que não se consegue saber. A linguagem não é só: está sempre em relação com tudo aquilo que lhe permite enunciar. A finitude existe na proporção em que percebemos o quanto é vão tudo aquilo que se enuncia em nossa aliviante incomunicabilidade vital. A infância berlinense de Benjamin é tanto uma *época* como uma *baliza*, a “Coluna da Vitória” (BENJAMIN, 1995:77) impressa em vermelho na folhinha de onde Benjamin pode dizer o que lhe faz tão cara a luta política: a luta política é um lugar de tradição.

Em meio à ação política, no esforço de propor uma outra razão não soberana, nada mais filosófica e estrategicamente correto do que pôr uma criança para fazer dizer esta razão. Pelas páginas de seu livro, o Benjamin que luta não é mais o Benjamin que brincava. A criança desta infância não destrói ícones, mas os ressignifica.

(.....) Quando em 1902 Ohm Krüger, após a derrota na Guerra dos Bôeres, percorreu a rua Taventzien, também eu estava lá com minha governanta. Pois era inadmissível não admirar um senhor que, de cartola, se apoiava no coxim e que ‘conduzira uma guerra’. Assim se dizia. Mas aquilo me soava ao mesmo tempo faustoso e baldo de civilização; era como se o sujeito tivesse ‘conduzido’ um rinoceronte ou um dromedário e por isso tivesse se tornado famoso (BENJAMIN, 1995:77).

Organizadamente desorganizadora, a criança é, num certo sentido, a desrazão, ou - para ser mais tênue - uma razão outra que o adulto, talvez, não alcance. O que seria a crônica infantil de uma cidade natal, ensaio autobiográfico encomendado, deriva, depois, para um trabalho maior. Nesta mudança de registro do trabalho, a de uma crônica para um texto automemorialístico, reside um gesto ao mesmo tempo de memória e combate. Em outros termos: o que mais ou menos não se pode dizer - uma “pequena obra-prima” com a aura que convém às obras-primas num mundo de irreproduzibilidade técnica - é possível existir num livro que é produto do

mundo da reprodutibilidade técnica representado pela revista que encomenda o trabalho e lugar onde o homem pode viver sua aventura humana individual. Não teria sido diferente, talvez, se a encomenda houvesse sido feita por um folhetim.

A *Infância em Berlim por volta de 1900* ressoa um Benjamin para quem um mundo tecnificado - no sentido de que a técnica deixou de ser práticas e se tornou ideologia - é a baliza teórica, e ao mesmo tempo existencial, com a qual estão repartidos o mundo interior - talvez consciência - e o mundo que a coage, metáfora da existência que a técnica mesma ajuda a elaborar. O que horroriza, ao mesmo tempo encanta! Benjamin faz, de um texto inacabado, redigido e depois retomado, o seu registro memorialístico e autobiográfico. Não parece exagerado dizer: um pequeno gesto informativo com fins bem definidos desdobra-se num projeto epistemológico com fins que atravessam uma vida teórica.

(...) Entre nós começava a se impor o antigo estatuto da caça: quanto mais me achegava com todas as fibras ao inseto, quanto mais assumia intimamente a essência da borboleta, tanto mais ela adotava em toda ação o matiz da decisão humana e, por fim, era como se sua captura fosse o único preço pelo qual minha condição de homem pudesse ser reavida. Contudo, mesmo quando já a resgatara totalmente, era-me árduo percorrer o caminho entre o palco de minha ditosa caçada e minha base, onde, de um tambor de herborista, iam surgindo éter, algodão, alfinetes de cabeça colorida e pinças (BENJAMIN, 1995:81).

A destreza e a técnica eram condições do reavivamento da humanidade num cenário - e a partir de um gesto - que impregnava de caça, perseguição e guerra também o próprio Benjamin. Em suas memórias, o fervor político ressurgiu reconstituído ludicamente pelo adulto através da criança. O "limiar do labirinto" é o não-limiar em que o adulto precisa a criança que escolhe ser no momento em que escreve sobre sua época adulta pela via de sua época infantil. Se as memórias são patrocinadas pela recordação recortada, selecionada

e recolhida, as memórias também não seriam possíveis sem o livro, pelo menos as memórias de um homem de um tempo burguês. Viver a aventura humana individual não pode prescindir do livro, e as memórias de Benjamin são auto-referências de um sujeito que se quer particularíssimo, que diz escrever em alemão *melhor que a maior parte dos escritores de minha geração*. A se levar em conta George Steiner, Benjamin era um "luftmensch" (homem do vento), alguém que *só se sentia em casa em hotéis baratos, pensões, locações temporárias ou no quarto de hóspedes de amigos compreensivos* (STEINER, 2001, p. 4).

Correr, apressar-se, não se fixar é a situação de uma existência que se dissipa a fim de confirmar em suas memórias o que se quer legar. Uma criança é quem melhor torna legítima esta empresa. A criança de Benjamin, pela qual ele conta suas peripécias e agruras de adulto, não é, rigorosamente, aquela de uma lúdica existência. A criança Ihe é um ser útil para o processo de escrita das memórias e da luta política. Suas memórias de infância são as do homem adulto recolhido pelo flagelo humano de uma perseguição injustificável. Benjamin é o adulto que não consegue recordar: o filósofo gostaria de poder reter o fluxo da vida pelo menos por alguns instantes. Adiar para si o que Ihe parecia inexorável.

Durante os anos de guerra, divulgou-se ocasionalmente a notícia da morte de personalidades famosas que gozam até hoje de boa saúde - assim o grande estadista Herriot que "morreu" pelo menos cinco vezes e se encontra felizmente vivo. Em compensação, não deram importância ao desaparecimento de outras personalidades cujo valor ignoraram, e deste modo o mundo mal tomou conhecimento da morte do historiador Jean Huizinga ocorrida em fevereiro de 1945 num campo de concentração da Holanda (CARPEAUX, 1946:1).

As belas imagens sobre a luz e a sombra projetam sobre este texto de Benjamin a revelação do que são, talvez, a condição mesma dos livros ou dos textos de memória: a de que são como luzeiros em meio a um emaranhado de fatos e acontecimentos ao mesmo tempo simultâneos e correntes que contêm a vida. O destaque de



vicissitudes, o alinhamento dos feitos que realizamos não marcam a memória senão sobre um material qualquer gravado de recordações e lembranças que não deixam que a vida seja um *continuum*, um avançar sem sentido. Benjamin assinala os “filhos burgueses” de que trata, tendo sido ele mesmo um desses no tempo sobre o qual escreve, embora escrevendo sobre um tempo no qual já não é mais um burguês e luta contra o patrimônio de perversidade que o mundo burguês engendrou depois.

Esse brinquedo - se é que posso chamá-lo assim - provinha de uma época que ainda concedia aos filhos dos ricos burgueses a visão dos locais de trabalho das máquinas (BENJAMIN, 1995:86).

Que relação, senão de distinção, Benjamin quer fazer entre *um ele antes* e *um ele depois*, em cujo curso do passar dos anos foi se transformando?

A luz de gás atravessa as memórias benjaminianas como a marca dos ambientes de penumbra em que tudo Benjamin ora desvela, ora recobre, não sua condição mesma de classe, mas a impossibilidade de poder defini-la, visto ser pouco vislumbrado por esses bicos de lampião que tanto reitera, palmilhando suas memórias quase a cada página. Benjamin teria conseguido dizer uma memória tão marcada, tão distintiva de si para um outro que ele já não quer ser, se tivesse escrito uma valiosa autobiografia de 400 páginas? Em uma de suas belíssimas luzes, Benjamin relata “o despertar do sexo”, que não deixa de ser o despertar de uma fúria veemente.

(...) Era o ano novo judaico, e meus pais haviam tomado providências para que eu participasse das festas religiosas em algum culto. (...) Haviam-me confiado a um parente distante, a quem deveria ir buscar em sua casa. Mas, ou porque me esquecera de seu endereço, ou porque não sabia me orientar em seu bairro, foi ficando cada vez mais tarde e cada vez mais desesperado meu vagar. (...) Os principais culpados de meu infortúnio eram minha aversão à pessoa desconhecida de que dependia

e minha suspeita acerca de cerimônias religiosas que só prometiam embaraços. Em meio à minha confusão, invadiu-me de súbito uma cálida onda de medo - "já é tarde demais, adeus à sinagoga" - e, antes que tivesse baixado, ou seja, simultaneamente, uma segunda onda da mais completa falta de escrúpulo - "aconteça o que acontecer, nada tenho a ver com isso". E ambas as ondas se fustigaram, impetuosamente naquela primeira grande sensação de desejo, em que se misturavam a violação do dia santo e a obscenidade da rua, que me fez entrever, pela primeira vez, os serviços que prestava aos instintos recém-despertados (BENJAMIN, 1995, p. 88-89).

Tal como qualquer outro ímpeto, este pode ser o momento, ainda, da descoberta de um impulso a que a luta política não pode renunciar: o da desobediência. O projeto de uma consciência que esquece e lembra, que "lampeja" e espoca em momentos de perigo ressurge com vigor neste texto memorialístico. E para que os impulsos e lampejos a que tanto Benjamin faz menção - talvez unidade e fulcro de seu percurso teórico - fixem o estatuto com que as memórias marcam relatos de vida não apenas como meras passagens e acontecimentos, mas sim com um estatuto de marcas que garante àquele que se escreve um sentido determinado. Sentido este, que é muito menos dado pelos acontecimentos mesmos que pelos acontecimentos como estão organizados e enredados numa história que se autoriza.

As memórias escritas marcariam, ainda, uma distinção entre aquilo que Benjamin transmite de si e aquilo que outros interpretam dele, inviabilizando a possibilidade de o autor ser desdito ou contraditado pelo estado mesmo de "minha condição" que as memórias conferem àqueles que as escrevem. As memórias podem ser a contingência de que o homem se investe para ser aquele que o livro de memórias organiza. O ato de memorializar está livre tendo em vista a capacidade peremptória do "livro de memórias" não dar margem ao que discutir ou polemizar, mas apenas ao que significar. Afinal, se são relatos de velhos (e isso certamente não escapa a

Benjamin quando escreve as memórias de uma criança burguesa que não foi senão ele mesmo!) as memórias têm a condescendência da morte.

A morte é a sanção de tudo o que o narrador pode contar. É da morte que ele deriva sua autoridade. (BENJAMIN, 1985:208).

Mas o que poderá ser para Benjamin escrever suas memórias aos pouco mais de 30 anos de idade? A morte precisava estar por perto? A morte precisava ser condição *sine qua non*? Não é tentadora uma interpretação baseada apenas em evidências. No texto de sua infância em Berlim, a recorrência quase intermitente aos fundos de sombra e penumbra da luz a gás é valiosa na dialética de mostrar e esconder, talvez possível metáfora dos procedimentos de memória que, ao selecionar, não revelam. Os ambientes de luz a gás em que a infância foi vivida deram lugar à luz elétrica depois; um contraponto do mundo da técnica fundamental para a análise da trajetória teórica de um homem a cuja vida ocorre associar a imagem de alguém que não se fixa, não porque não quer, mas porque não se pode fixar. Benjamin é perseguido e pode ser encontrado! De algum modo, as luzes e sombras afetam as memórias de Benjamin: não deixam de ser memórias de um tempo de guerra. As memórias de uma criança berlinense que brinca tornaram-se as memórias de um adulto berlinense que luta, ou escapa. Eis, talvez, a imagem de Benjamin, tão ávido por conhecer e se debruçar sobre os processos técnicos que transformam a vida material ocidental pelo advento de engenhos humanos no curso dos acontecimentos desencadeados pela revolução técnico-industrial da segunda metade do século XIX.

Nenhuma campanha soava mais amiga (BENJAMIN, 1995, p.95).

O relógio no pátio da escola parecia ter sido danificado por minha culpa (BENJAMIN, 1995, p. 83).

(...) Talvez o que o faça [o esquecido] tão prenhe não seja

outra coisa que o vestígio de hábitos perdidos, nos quais já não nos poderíamos encontrar. Talvez seja a mistura com a poeira de nossas moradas demolidas o segredo que o faz sobreviver. (...) nada desperta em mim mais saudades que o jogo das letras. Continha em pequenas plaquinhas as letras do alfabeto gótico, no qual pareciam mais joviais e femininas que os caracteres gráficos. (...) Era um estado de graça. E minha mão direita que, obedientemente, se esforçava por obtê-lo, não conseguia. Tinha de permanecer do lado de fora tal como o porteiro que deve deixar os eleitos. Portanto sua relação com as letras era cheia de renúncia. A saudade que em mim desperta o jogo das letras prova como foi parte integrante de minha infância. O que busco nele, na verdade, é ela mesma: a infância por inteiro, tal qual a sabia manipular a mão que empurrava as letras no filete, onde se ordenavam como uma palavra (BENJAMIN, 1995: 105).

As memórias de Benjamin recolhem a marca inestimável de sua dúbia fascinação e horror pelas criações da técnica, tais como a luz elétrica, o telefone, o cinema, a fotografia. A criança burguesa não é Benjamin quando está escrevendo: a criança é alguém de que Benjamin se aproveita para, por ela, o adulto se fascinar.

Perdia-me nas cores, fosse nos céus, numa jóia, num livro. De todo modo, as crianças são sempre presas suas. (...) Vencendo esse cintilante obstáculo, aquelas cores irromperam um dia sobre mim, e ainda sinto a doçura com que meu olhar então se saciou (BENJAMIN, 1995, p.101).

Se a criança é quem guarda o atributo do fabuloso e do fascínio, nada melhor do que lançar mão dela para dizer sobre aquilo que estimula o adulto. Para este, as revelações não contêm a veemência expressiva do fascínio que a criança tem pelas revelações que se mostram como jogos, brinquedos, novidades, faces e rostos imprevisíveis. Na memória de Benjamin, a criança berlinense é a expressão mesma daquilo de que o adulto Benjamin precisa para sensibilizar, comover e persuadir para a luta política no instante em

que está envolvido com sua escrita. O gesto lúdico, supostamente ingênuo e eivado do “tempo de descoberta” sob cujo manto é envolvida a infância, e na qual, supomos, viver é como estar ganhando o pão a cada preciosidade que brilha aos olhos, a cada novidade adquirida, a cada esconderijo encontrado, revelado e saqueado. A cada gaveta de meias em que atua um gesto de mão possível de significado diferente de todos os gestos de mãos que fazemos tradicionalmente.

O primeiro armário que se abriu por minha vontade foi a cômoda. Bastava-me puxar o puxador, e a porta, impelida pela mola, se soltava do fecho. Lá dentro ficava guardada minha roupa. (...) Nada superava o prazer de mergulhar a mão em seu interior tão profundamente quanto possível. E não apenas pelo calor da mão. Era ‘tradição’ enrolada naquele interior que eu sentia em minha mão e que, desse modo, me atraía para aquela profundidade. Quando encerrava no punho e confirmava, tanto quanto possível, a posse daquela massa suave e lanosa, começava então a segunda etapa da brincadeira que trazia a empolgante revelação. Pois agora me punha a desembulhar a “tradição” de sua bolsa de lã. Eu a trazia cada vez mais próxima de mim até que se consumasse a consternação: ao ser totalmente extraída de sua bolsa, a “tradição” deixava de existir (BENJAMIN, 1995, p.22).

A criança refaz ordens, identifica tradições em outros lugares, reordenando-as: o gesto da criança que em meio à luta política o adulto assinala, desloca as tradições de lugar pela resignificação desordenadora. Isto pode ser perigoso. Benjamin não está deixando de citar a si próprio: o passado, a história é um “tempo saturado de agoras” (BENJAMIN, 1985, p. 229). Enquanto escreve, Benjamin percebe que o passado já continha aquilo que, agora, só no presente ele elabora. Benjamin comove, e é quase improvável não associarmos a imagem de que é a criança sensível e vigilante que vige em cada um de nós o que faz pungente as memórias de um homem adulto. Nas memórias de Benjamin - que escreve em um tempo nada poético - a criança fornece-lhe o grão de poesia que o adulto não reconhece

para fazer da sua escrita de vida uma poesia toda encarcerada num texto de verve profundamente poética. A criança que escolhe ter sido enquanto escreve deixa Benjamin entrever a possibilidade da poesia num mundo em que não consegue encontrá-la.

Depois, o apagar das luzes de gás acende a faísca da luz elétrica em que se incandesce a luta política e o espocar das primeiras câmeras fotográficas. A técnica, se fascina, também atemoriza os homens.

(...) Quando, depois do longo apalpar naquele tubo escuro, já quase a perder o domínio da consciência, chegava até ele para acabar com a balbúrdia, arrancando os dois auscultadores, que tinham o peso de halteres, e espremendo a cabeça entre eles, eu ficava impiedosamente entregue à voz que ali falava. Nada havia que abrandasse o poder sinistro que me invadia. Impotente, eu sofria, pois me roubava a noção do tempo e do dever e de meus propósitos, e, igual ao médium, que segue a voz vinda de longe que dele se apodera, eu me rendia à primeira proposta que me chegava através do telefone (BENJAMIN, 1995, p.80).

O tempo burguês e da técnica é um tempo em que já não há lugar para a morte, o que é paradoxal quando se trata de um homem cuja morte pode ser iminente.

(...) Com que palavras descrever o sentimento imemorial de segurança burguesa que procedia daquela casa? O inventário dos objetos de seus diversos aposentos não faria hoje honra a nenhum comprador de ferro velho. (...) A miséria não tinha vez naqueles aposentos, nem mesmo a morte. Neles não havia lugar algum para morrer; por isso é que seus moradores morriam em sanatórios ... (BENJAMIN, 1995, p.96).

Ambivalentes, as memórias de Benjamin não se mostram como a luta entre um bem e um mal, mas como a dilacerante - e itinerante - impossibilidade de distinguir o que poderá ser o vir a ser de um

mundo que Benjamin mesmo não sabe se pode aguardar ou ter qualquer expectativa de ver. As memórias dele são a luta entre um bem que não se mostra como mal - são seus objetos de estudo/ tarefas de trabalho - e um mal que não se demonstra, ou se exprime senão no próprio legado de uma memória que se transmite. Para que escrever o horror humano agudo num texto pungente? A beleza das memórias de Benjamin talvez seja a marca da trajetória de uma procura inquietante que autoriza uma relação com o passado cuja revivescência é enriquecida pelo imponderável, o hesitante e o que não se pode evitar. Neste projeto, Benjamin prefere um texto comovente: o que escreve uma memória profundamente crivada pelas marcas de uma perseguição estúpida e embalada através das vivências de uma criança que, ingênua, mas perspicazmente, anuncia um porvir implacavelmente vivido.

A criança das memórias de Benjamin é o adulto situado no momento do perigo em que a vida de Benjamin se passa durante quase todo tempo. Nem a criança Benjamin sabe se a viveu tal como ele se conta, ou se somente no livro que escreve. Não é isso que importa. As memórias são comoventes estórias de vidas que florescerão ou se arruinarão sob o espetáculo da técnica reprodutível e organizável, agora em bases novas: “uma seqüência de impressões cotidianas e subjetivas de uma criança no início do século” (GAGNEBIN, 1994, p. 83-84). Como o cinematógrafo, seqüência de fotografias.

Só que nunca à minha própria imagem. E por isso ficava desorientado, quando exigiam de mim semelhança a mim mesmo. Isso ocorria no fotógrafo. Para onde quer que olhasse, via-me cercado por pantalhas, almofadas, pedestais que cobiçavam minha imagem como as sombras do Hades cobiçam o sangue do animal sacrificado (...) (BENJAMIN, 1995:99).

Benjamin recolhe nas memórias, sob o olhar arguto da criança, passagens em que, sob a luz hesitante do bico de gás, o mundo adulto não consegue se desvelar. As memórias de Benjamin têm

um tanto dos relatos das crianças que, sozinhas, descobrem mistérios e segredos que só se revelam a si mesmos, e mesmo assim quando se está diante do perigo. Do perigo, ao mesmo tempo em que do redimido que suas memórias promovem.

(...) Contudo, se naquela época me houvesse afetado o ar perverso que se farejava em torno daquele móvel, teria sido apenas o estímulo a mais para o ataque surpresa que planejava para aquela hora surda, clara e perigosa, antes do almoço. Abria com ímpeto aquela porta, apalpava o volume que tinha de ser buscado não na primeira fila, mas no escuro atrás dela, e, sem sair do lugar, como que sobrevoando as páginas em frente do armário aberto, começava a tirar proveito do tempo até o retorno de meus pais. Do que lia, nada entendia. Porém, os terrores de cada voz de fantasma, de cada meia-noite, de cada maldição, cresciam e se completavam com os terrores de meus próprios ouvidos que aguardavam a qualquer momento o barulho da chave da casa e o golpe surdo com que a bengala de meu pai caía no bengaleiro do lado de fora. (...) (BENJAMIN, 1995, p. 123-124)

As memórias de Benjamin passadas “por volta de 1900” não poderão ser motivo para puni-lo. São memórias de um tempo de criança. Não é possível que o mundo da racionalidade técnica não consiga fazer este cálculo distintivo fundamental: o de que à idade da infância - a quase toda ela - é preciso condescender. Nela, se escreve para morrer, Benjamin consegue fazer de suas memórias, dentro da luta política maior em que está envolvido, aquilo que, de alguma forma, lhe salva da morte garantindo-lhe a permanência. E o que é escrever suas memórias com pouco mais de 30 anos se elas não são as de um homem velho, deitado no leito de morte e que contém a centelha de sabedoria, embora já contenha a centelha da luz elétrica? A de um homem que já é um narrador, pois a proximidade sempre iminente da morte lhe garante a autoridade requerida para o contar, “afinal a morte é a sanção de tudo que o narrador pode contar. É da morte que ele deriva sua autoridade(...)” (BENJAMIN, 1985, p. 197-221).



A familiaridade com o extermínio, a perseguição e a permanente passagem pelos lugares em que mal pousava, talvez tenham entregue a Benjamin a certificação de que suas memórias eram apenas lembranças, e a certeza de que, ao livro de passagens de sua vida em Berlim por volta de 1900, não caberia o nome de “livro de memórias” mas o de “livro de crônicas”. Como a revista *Ihe* havia recomendado. Em algum momento e lugar, talvez tenha Benjamin percebido que algumas de suas lembranças poderiam caber a muitos adultos que continuaram burgueses, mas não a ele próprio, a quem a perseguição política não era senão a de um mundo burguês em cujo seio a técnica *Ihe* presenteava, paradoxalmente, situações e momentos inesquecíveis de fascínio e horror dignas de um texto memorável e de profunda beleza. Afinal, “a memória é a mais épica das faculdades” (BENJAMIN, 1985, p. 210).

Deste belo texto de Walter Benjamin - de duplos tais como criança/adulto, sentimento de paz/sentimento de guerra, terror/fascínio - pode-se arriscar dizer que, em si mesmas, as lembranças e as recordações não existem. Que não há lembrança fora do ato lingüístico de rememorar. As lembranças não estão em estado latente a espera da hora de serem ditas. Só passam a ter existência quando enunciadas. E a enunciação delas não se separa dos interesses, desejos e medos de quem rememora. O vocabulário de *Infância em Berlim por volta de 1900* é marcado pelas palavras e tensões que atravessaram a vida de Walter Benjamin num tempo de guerra, da vida de um homem sobre cujo legado teórico se pode fazer a indagação terrível: seria possível ser de outro modo se Benjamin não tivesse vivido num tempo de guerra e de perseguição? Teria sido possível se, para escapar de ser encontrado, Benjamin não tivesse sido o “homem do vento”?

É bastante provável que as imagens da luz e da sombra não estivessem tão presentes nas memórias de Benjamin se seu tempo mesmo não fosse um tempo de luz e de sombras. Se não escapa da perseguição de um tempo, Benjamin também não escapa da obrigação a que suas palavras o submetem: a de dizer e denunciar,

mesmo que sob o recurso à rememoração de um tempo pretensamente ingênuo de criança. Benjamin sabia dessa necessidade e suas memórias são as de alguém que não evita o confronto a que é submetido, porém atua nele através de um texto que é como um lugar a que a poesia e a beleza conferem um caráter de barricada que só se derruba às custas de perdas irreparáveis. *A Infância em Berlim por volta de 1900* é um instrumento da luta em que Benjamin está envolvido. E ele sabe disso.

## Notas

\*Historiador, mestre em Teoria Literária pela UFMG, professor do curso de História da Faculdade de Filosofia da Fundação Educacional Monsenhor Messias (FAFI - FEMM)

<sup>1</sup>Este é a versão revisada de trabalho de final de curso da disciplina Memória e Discurso, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Teoria da Literatura, da Faculdade de Letras da UFMG.

<sup>2</sup>Trabalho com a edição brasileira em BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas II. Rua de Mão Única. 5<sup>a</sup> edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995. p.71-142. Tradução José Carlos Martins Barbosa e Pierre Paul Michel Ardengo.

<sup>3</sup>Segundo Gagnebin (1994), Walter Benjamin teria escrito a Infância ao longo do ano de 1932, e em 1933, a partir de Crônica Berlinese (Berliner Chronik), um outro texto, de encomenda, que deixara inacabado, escrito no início de 1932 em Ibiza.

<sup>4</sup>A Crônica Berlinese teria sido encomendada a Benjamin pela revista Literarische Welt, para ser uma espécie de ensaio autobiográfico de sua vida infantil em Berlim, ao mesmo tempo que ensaio sobre a cidade, “impressões cotidianas e subjetivas de uma criança no início do século” (GAGNEBIN, 1994:83-84).

<sup>5</sup>Segundo Benjamin em A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica. (BENJAMIN, 1985).

<sup>6</sup> Uso a expressão conforme Gagnebin (1994:83).

<sup>7</sup>As considerações sobre a aventura humana individual, o romance e o livro estão em O Narrador (BENJAMIN, 1985).

<sup>8</sup>Em Crônica Berlinese, citado por Gagnebin (1994:83).

<sup>9</sup>O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um ‘corpo’ (...). E, este corpo, há que entendê-lo não como um corpo de doutrina, mas sim – de acordo com a metáfora tantas vezes evocada da digestão – como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a respectiva verdade: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida ‘em forças e em sangue’. Ela transforma-se, no próprio escritor, num princípio de ação racional (FOUCAULT, s.d; 143).

<sup>10</sup>Existem afirmações antológicas de Benjamin sobre a noção de passado como lembranças que lampejam em Sobre o conceito de história. Por exemplo em: A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente no momento em que é reconhecido (1985:224); Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo (...)” (1985:224). Numa variante metafórica do relampejar, como algo falho e lacunar, diz Benjamin: a obra secreta da lembrança – que de fato é a capacidade de infinitas interpolações naquilo que foi (...) (Benjamin apud GAGNEBIN, 1994:84).

<sup>11</sup>Conforme a reminiscência que relampeja no momento de um perigo. Ver nota 9.

## Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim por volta de 1900. In: \_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas II*. Rua de Mão Única. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.71-142.

\_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas I*. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985. 253 p.

BOBBIO, Norberto et ali. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora da UNB; Linha Gráfica Editora, 1991. 2v. 1316 p.

CARPEAUX, Otto Maria. s.tit. *Jornal A Manhã*. Rio de Janeiro, 19 maio 1946, Suplemento Letras e Artes, p.1.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. *O que é um autor?* 3. ed. Portugal: Vega, Passagens,[s.d].

GAGNEBIN, Jean Marie. A Criança no Limiar do Labirinto. In: \_\_\_\_\_. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva: Editora da Unicamp, 1994. p.83-106.

MARABINI, Jean. *Berlim no tempo de Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras; Círculo do Livro, 1989. 227 p.

STEINER, George. A Viagem Crepuscular de Walter Benjamin. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 4 fevereiro 2001, Caderno Mais, p.4 - 9.

## **Abstract**

The present article analyzes *Infância em Berlim por volta de 1900*, by Walter Benjamin, exploring the textual metaphors used by the author to feature the historical changes and the political challenges faced by him and concerned with the time he wrote that text. From the fragments of the text reviewed under the light of the articulation among the situations experienced and the writing about them made by the author. This article speculates about the relation Benjamin establishes among three simultaneous processes: the building of a memoir on himself through the reconstitution of his Germany childhood age in Berlim; the elaboration of a lacunars theory of the history as remembrances and reminiscences; the biographical register of the challenges lived within the political struggle.

**Keywords:** writing of himself, memory, poetry, political struggle and historical age